

# Meu marido quis ser corno de um negão!

["

Meu nome é Márcia, tenho 34 anos, sou corpuda, loira de olhos claros, bunda arrebitada e se não chamo atenção no dia-a-dia por parecer meio gordinha, quando me arrumo para alguma festa, maquiada, com vestido e salto alto, vivo meus trinta segundos de fama! Sou casada, e eu e meu marido André sempre tivemos uma vida sexual normal, sem que houvesse exageros entre nós além de algumas piadinhas picantes, palavras de sentido duplo durante a transa. Coisas de um casal comum. Nossa ousadia máxima tinha sido fotos nuas, tiradas num motel e guardadas a sete chaves. Temos uma vida estável e, graças ao trabalho do meu marido há vinte anos numa fábrica de veículos, conseguimos comprar nossa casa, nosso carro e pagamos bons colégios para nossas duas filhas adolescentes.

Mas lá pelos dez anos de casados, algo mudou na nossa relação. No meio da transa, André começou a falar coisas esquisitas, a perguntar se eu não gostaria de ser comida por um cara de pau bem grande: "O cara vai ficar louco só de encostar nesse corpinho. Uh, ah, gostosa, você é boa demais!". E começou a ser assim daí em diante: a cada transa, o assunto ia ficando mais quente e cheio de detalhes. Só que quando André gozava, ele parava com essa história e depois não tocava mais no assunto. Eu achava que era uma forma dele se estimular e passei a brincar, dando corda, falava que aceitaria um negão bem gostoso, de pau grosso, me comendo sim. Mas era tudo brincadeira, só para entrar num clima e nós dois gozarmos gostoso juntos. Com o passar dos dias, comecei a reparar que a maioria dos filmes que André alugava era de negrões bem dotados, transando com garotas brancas.

Meu marido adora futebol e todo ano, dirige e patrocina o time da empresa em que trabalha: "Craques da Suburbana". Porém, esse time não ia jogando muito bem, sempre ficando em segundo ou terceiro lugar no campeonato. Então, para este ano, ele foi buscar um jogador em outra cidade. Era um sábado à tarde quando meu marido chegou em casa com o tal jogador novo: um mulato alto e forte. "Querida, esse é o Beto, nosso atacante. Como os jogos são domingo cedo, ele vai dormir aqui aos sábados!".

Certa noite, no meio de uma transa, aconteceu algo que me deixou encucada: meu marido começou a falar no Beto, imaginando que ele é quem estaria me comendo! No dia seguinte, perguntei por que ele fez isso. André desconversou, mas pedi para ele não colocar mais nomes em nossas fantasias.

Passado aquele dia, fui dar uma arrumada no quarto dos fundos e, sobre a mesinha, encontrei várias fotos minhas só de calcinha! Na hora percebi que aquilo era coisa do André! Então lembrei que Beto, naquele fim de semana, estava me olhando de modo diferente. Com muita raiva, acabei brigando com meu marido!

No sábado, minhas filhas tinham saído e André chamou Beto para tomar um refrigerante na sala. Na maior cara de pau, mostrou seus filmes pornô e perguntou se ele não queria assistir algum. O rapaz, é lógico, ficou interessadíssimo e escolheu logo o filme com um negro e uma loira.



"]

["

Chateada, me fechei no meu quarto. A cabeça fervia de raiva. Casei virgem jurando ser fiel a um só homem e esse homem estava me entregando a outro? Será que ele estava refletindo no que estava aprontando? Não sentia ciúmes? E depois não iria me cobrar, jogando na minha cara uma traição, ainda que consentida?

André deixou o rapaz assistindo os filmes e veio até o quarto. Começou a me bolinar e eu recusando. Lutamos, caímos na cama e meu marido, conhecedor do meu corpo, caiu de boca na xaninha. Seu hálito atravessava os tecidos da saia e da calcinha, minando minha resistência. Ainda relutando, deixei erguer a saia, tirar a calcinha e explorar a xoxota com a língua. O desgraçado sabia como me excitar. Sua língua quente percorria os grandes lábios, esfregava no clitóris e logo atingi o primeiro orgasmo, ficando molhadinha por inteiro...

André se desnudou rapidamente e também a mim, me deixando só vestida com o sutiã. Ele me beijava loucamente, dizendo o quanto me amava. E me fez apoiar na penteadeira, penetrando por trás. Mal comecei a rebolar, ele me pegou pelo quadril, grudou indo ao fundo e começou a me empurrar pelo corredor, em direção à sala. Beto nos olhou espantado, sem acreditar no que estava vendo. Eu e meu marido, nus e engatados. O pau escapou da minha buceta, quando André me empurrou até o sofá maior. Mas o descarado enfiou de novo, meio apressado, metendo vigorosamente. Então ele disse: "Tá vendo Beto? Tá vendo? Olha como minha mulher é gostosa! Olha como ela mete gostoso!". Acho que ele já tinha tramado tudo aquilo. E logo depois, o jato de esperma quente inundando a bucetinha.

Depois de gozar, o safado correu para o banheiro, balançando a pica meio mole. Beto com cara de apalermado permanecia estático, sentado no sofá menor. Vestia a calça de agasalho esportivo e uma camiseta. Mesmo embaraçada, meu olhar pousou no volume entre as pernas. A tenda formada pelo seu pênis ereto denunciava o grau de excitação. Já que o pilantra tinha armado para mim, então ia ter! Ah, ele ia ver! Ainda só de sutiã, com melzinho e porra escorrendo entre as pernas, puta da vida, esqueci todo o resto de esposa fiel e respeitada. Irada, mandei tudo às favas!

Ergui a camiseta do Beto, ajudando-o a desnudar o tronco jovem e robusto de atleta. Abaixei a calça do agasalho, puxando junto a sua cueca. Um pau duro e enorme saltou para fora, como uma tora elástica. Todo corpo do Beto era de um negro claro e só o cacetão e as bolotas eram pretos como breu. Pensei em parar por ali. O único pênis que eu conhecia era o do meu marido. O pau era bem maior que o de André, e na grossura, o diâmetro era assustador! "Será que cabe tudo isso dentro de mim?", pensei. Mas a curiosidade me encorajou a ir em frente. Ajoelhada, peguei nele maravilhada. Nunca tinha visto nada assim, vivo, pulsando na minha mão. Era de formato diferente, a chapeleta enorme, em forma de pera, depois afinava e no meio, novamente grosso e gordo.

Punhetei de leve e a ponta ficou úmida, com um líquido incolor. O cheiro de macho inundou meu olfato. Comecei a beijar aquelas coxas musculosas e fui em direção às bolonas. E beijando de leve, fui subindo toda a extensão da tora. Um fio de pentelho entrou na minha boca faminta. Tirei rapidamente e continuei a escalada com os lábios. E cheguei à cabeçorra. Abri bem a boca e agasalhei a pirocona que forçou a língua para baixo, grudou no céu da boca e quando tentei colocar mais, senti uma dorzinha nos cantinhos dos lábios, tal a grossura. Beto, sentindo o calor do meu boquete, começou a gemer baixinho.

Era delicioso mamar e pegar aquela extensão de carne rija, com as veias inchadas. Nem percebi quando a vontade de castigar meu marido estava virando tesão. Nisso André voltou do banho e quando me viu chupando aquele cacetão ficou desesperado e correu para pegar uma camisinha. "Márcia, era para encapar primeiro, pô! Sem camisinha não, sua louca!". Nem dei atenção para o meu

marido que atrapalhado, mais do que depressa, rasgava a embalagem da camisinha. O pau de Beto estava duríssimo, em toda plenitude. E eu lambia a sua extensão para que o maridinho visse o tamanho da encrenca que ele arrumara. André estava meio enciumado ou arrependido por ter ido longe demais. E falou: “Querida, se quiser, toca só uma punheta, deixa ele gozar na tua mão e tudo bem. Tá bom assim?”.

Eu nem respondi. Naquela hora a raiva tinha passado. Era excitação mesmo. Não era só a porra do meu marido que escorria pela xaninha. Era melzinho de desejo mesmo. Tesão de dar para aquele garoto mulato e pauzudo. Tomei a camisinha da mão do meu marido, vi qual lado estava enrolado, estiquei, cobri a chapeleta e desenrolei tudo. A borracha estava esticada ao máximo, dando a impressão que ia estourar. E no final, ainda sobrou alguns dedos de cacete descoberto. Abracei Beto e o puxei para o sofá grande. Fiquei meio sentada, meio deitada, na posição de franguinho assado, abri bem as pernas, peguei o mastro negro e pincelando na xaninha, fui guiando ele até a entrada da grutinha. Fiz questão de olhar nos olhos do meu marido e nele vi um ar de apreensão. E falei provocando: “Vem, empurra, mete esse pauzão na minha bucetinha. Você vai ser o primeiro que me come fora o André. Vem, vem!”.

E Beto, meio desajeitado, começou a empurrar. O pauzão foi entrando devagar, avançando cada centímetro, raspando em tudo, alargando, parecia que eu era virgem outra vez. Eu arfava, um pouco pelo medo, pela tensão. Achei que tinha ido longe demais, mas, agora já era tarde para voltar atrás. Era primeira vez que o cacete de outro homem entrava em mim. Depois da cabeça, outro sufoco quando chegou pela metade, na parte mais grossa. Os grandes lábios esticados ao extremo e a parte de cima do cacetão esfregando no meu clitóris. Senti o orgasmo vindo. Comecei a rebolar, enquanto pedia para o Beto meter mais rápido, com tudo. Ele atendeu e passou a bombar pra valer. Todo meu baixo ventre se mexia, a cada estocada. Parecia que tudo saía junto quando ele puxava e depois, entrava algo monstruoso até o fundo, pressionando até a bexiga.

Senti que algo úmido espirrava da minha xaninha. Até pensei que estava urinando, mas era meus líquidos e a porra que o André tinha depositado ali, que estava sendo expulso pelo vai-e-vem daquele pauzão rombudo. Eu estava maluca, tendo um orgasmo arrebatador. Rebolando e gritando, acho que gozei como nunca tinha gozado. Olhei para André que estava desesperado. E me virei de quatro no sofá e empinei bem a bunda, abrindo ela com as duas mãos, ele pôde ver tudo, de como aquele pauzão negro alargou a bucetinha branca. E como Beto ainda não tinha gozado, passei a rebolar de novo. Ele reiniciou a bombada agora me pegando de quatro.



A ardência do vai-e-vem por dentro da xaninha e a dor da ponta do pau batendo no fundo me incomodava. Passei a me mexer mais, para que ele gozasse logo. E usei a mesma tática que usava, quando queria que André acabasse logo: “Ah! Mete, mete, vai. Enfia tudo, me rasga com esse pauzão, vai! Goza gostoso. Vai, vai, mete gostoso, mete, goza tudo aí dentro. Ai, ai, vai, vai, goza pauzudo, goza, vai, vai!”. Beto acelerou as bombadas. A dor estava ficando insuportável, mas, ainda bem que ele gozou logo em seguida. E começou a tirar a pirocona ainda dura. E quando saiu, foi incrível a quantidade de porra que estava na ponta da camisinha.

Falei para o Beto ir ao banheiro. Meu marido, solícito, trouxe um rolo de papel higiênico e eu limpei como deu a xaninha. Ainda ressentida, falei: “Tá satisfeito agora, seu corno? Era essa sua fantasia? Olha como estou arrombada, olha! Viu? Agora eu quero a minha fantasia! Quero meter com dois ao mesmo tempo!”. O safado que estava de pau duro novamente, com juras de amor, me enchia de beijos e carícias no pescoço e seios, enquanto bolinava meu grelhinho. Pegou o tubo de gel lubrificante, lambuzou toda a piroca e começou a lambuzar meu cuzinho, enquanto enfiava um e depois dois dedos.

E como às vezes fazia, começou a meter devagar no buraco de trás. Eu rebolando e dizendo: “Não goza ainda. Vai alargando aí que depois vou deixar o Beto por aí atrás.”. E ele: “Márcia, você está louca? Aquele cacetão vai te rasgar em duas! E no cuzinho não! Esse buraco é só meu!”. E eu: “Seu uma ova, André! Não foi você que aprontou essa?”. Na verdade eu não estava com coragem de dar o rabinho para o Beto, mas queria castigar meu marido. A raiva tinha voltado. Nisso o Beto, ainda um pouco constrangido, retornou. E incrível, de pica dura novamente, vendo André me enrabando! O garoto estava, realmente na plenitude da sua potência sexual. Talvez na fase em que conseguisse dar duas sem tirar, como dizem. Desengatei do meu marido, peguei outra camisinha, encapei o pau do

Beto, peguei o gel, lubrifiquei aquele cacete e sentei de costas no sofá menor, apoiei a cabeça no encosto e chamei, enquanto com as mãos, abria as maçãs da bunda: "Vem Beto, mete aqui no meu cuzinho!". Era só para irritar meu marido, que na hora "H", eu planejava a dupla penetração com o pauzudo do Beto na xoxotinha e meu marido atrás.

Beto se aproximou maravilhado. Peguei naquela vara colossal e fui dirigindo para o anelzinho, naquela altura já sem as pregas e meio abertas pelo meu marido. A cabeça não entrava. Pensava em deixar ele colocar só um pouquinho, para me vingar de André. E rebolei lentamente, forçando o quadril para trás, com a cabeçona raspando ora de um lado, ora de outro nas pregas do anelzinho. Nisso Beto, querendo ajudar, sem qualquer aviso, deu uma estocada e o pau entrou pra valer. Dei um urro e juro, vi estrelas! Uma dor fortíssima. Nem a primeira vez que meu marido meteu atrás doeu tanto! Desta vez foram meus olhos que umedeceram. Lágrimas incontidas escaparam. Mais do que depressa, coloquei a mão direita para trás e peguei no pau de Beto para ver o quanto tinha entrado. E abismada, constatei que tinha entrado muito pouco. O cacetão ainda estava quase todo pra fora! Mas de repente resolvi encarar o desafio e ver, como mulher, o quanto eu aguentava e qual era meu limite.

Então Beto disse: "Quer que eu tire, dona Márcia?". Eu Sabia, por experiência, que a dor logo diminuiria. E foi o que aconteceu. A dor já era suportável. E respondi, quase não podendo respirar: "Não, não. Só vai empurrando bem devagar, com cuidado!". E ele foi enfiando, cada vez mais, o pauzão entrando, aquela grossura toda meio que me rasgando. E deve ter entrado bastante, chegando onde nunca o pau de André tinha chegado. Beto passou a meter com cuidado. Quando saía, involuntariamente eu ajudava, "cagando" aquele cacetão e quando entrava, uma ardência dolorida. O entra-e-sai estava cada vez mais macio, fácil. Deixei o pauzão sair inteiro, troquei a camisinha do Beto, puxei ele até o quarto. André veio junto, todo assustado.

Fiz Beto deitar de costas na cama e de cócoras, sentei em cima daquela pirocona, me empalando com aquela pica grossa, na bucetinha judiada, até onde dava. Toda preenchida, me joguei para a frente e novamente, com as mãos, abri as maçãs da bunda e chamei meu marido: "Vem André, mete aí no cuzinho!". Foi de propósito, para ele ver o estrago que Beto tinha feito ali atrás. As pregas todas arrombadas. O pau do meu marido entrou fácil. Tive até a sensação que tinha duas bucetas, uma na frente e outra atrás. Quando os dois começaram a meter, a sensação era incrível. Não dava para saber de onde estavam vindo tantas ondas de prazer. E aos gritos, atingi vários orgasmos, piscando os músculos de ambos os buraquinhos. Uma loucura!

André gozou me enchendo agora o cuzinho de porra e depois foi a vez de Beto gozar de novo. E eu perdi a conta de quantas vezes. Fiquei com os buraquinhos doloridos, até me fazendo andar meio de lado, como se estivesse com hemorroidas. Ao ficarmos a sós, um silêncio constrangedor. André, passado o tesão, meio arrependido, por ter ido longe demais. E eu me sentindo estranha, diferente pela primeira traição. Mais ainda, por constatar que fiz sexo só pelo sexo e tinha obtido um prazer intenso.

E o time de futebol, finalmente, foi campeão, para alegria do meu marido. Com gols do Beto no domingo. Nos sábados ele continuava fazendo gols em outros buracos lá em casa... Até que o tempo passou, Beto acabou aprovado num time profissional da segunda divisão e teve de se mudar para longe. Foi até melhor, pois uma hora dessas nossas filhas iriam perceber que algo estava errado lá em casa. Beto se foi, mudou-se sabe lá pra onde, mas ficaram as lembranças, não só do time que se tornou campeão naquele ano por causa do seu novo artilheiro, mas principalmente daquelas deliciosas tardes de sábado, onde eu terminava arrombada, molhada, mas deliciosamente muito bem comida...

"]